

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA**  
**IFPB**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA HABILITAÇÃO EM**  
**LÍNGUA PORTUGUESA**

JOSÉ EDIVAN LOPES

COM *MANHÃ SUBMERSA*, VERGÍLIO FERREIRA VAI À ESCOLA:

Leitura do autor português, no ano do centenário do autor.

SOUSA

2016

JOSÉ EDIVAN LOPES

COM *MANHÃ SUBMERSA*, VERGÍLIO FERREIRA VAI À ESCOLA:

Leitura do autor português no ano do centenário

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof (a) Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosangela Vieira Freire

SOUSA

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOSÉ EDIVAN LOPES

EM *MANHÃ SUBMERSA*, VERGÍLIO FERREIRA VAI À ESCOLA:

Leitura do autor português por ano do centenário

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Rosângela Vieira Freire

Aprovado em 24 / 09 /2016

**BANCA EXAMINADORA**



Presidente: Orientador – Dr<sup>ª</sup>. Rosângela Vieira Freire - IFPB

Examinador (a): Prof<sup>ª</sup>. MsC. Maria Leuziedna Dantas- IFPB



Examinador (a): Prof<sup>ª</sup>. MsC. Risonelha de Sousa Lins - IFPB

*Aos meus pais, José Airton Lopes  
e Raimunda Francisca Lopes  
In memoriam*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me deu força e coragem para seguir adiante;

Ao IFPB pela excelência de ensino, sempre nos motivando a ir além do que podemos;

Aos meus pais, José Airton Lopes e Raimunda Francisca Lopes (*in memoriam*), que sempre acreditaram em mim e foram um exemplo de vida a ser seguido;

Aos meus irmãos, Paulo, Francismário, Mairta e Nailda, meus eternos amigos;

A todos os mestres e professores que fizeram parte da minha formação. Obrigado pelos ensinamentos ao longo dessa jornada;

Aos grandes amigos conquistados no IFPB, em especial, Ana Odília, Wandirleusa, Regina, Lindomar, Manoel Neto, Socorro Ferreira, Tatiane, Janile e aos demais companheiros de longa caminhada;

À professora Rosangela pela orientação segura e amizade conquistada;

A Ana Emília por contribuir com meu sucesso;

Aos anjos que fizeram parte da minha vida;

A todos, meu muito obrigado!

*Se és artista, não fales em ser maior ou menor, para não confundires a tua obra com uma prova de atletismo.*

Vergílio Ferreira

## RESUMO

O presente trabalho trata da análise das categorias narrativas, narrador, personagens, espaço do livro **Manhã submersa**, do autor português Vergílio Ferreira, no centenário do seu nascimento. A pesquisa foi desenvolvida no 1º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, em Sousa. Objetivamos identificar as categorias da narrativa e pretendemos que, no final do trabalho, os alunos sejam capazes de identificar o tipo de narrador da obra **Manhã submersa**, de Vergílio Ferreira, conhecer os personagens do romance, caracterizar o(s) espaço(s) em que a narrativa acontece. Como suporte teórico, adotamos estudiosos do romance como Bakhtin (1988); Dal Farra (1978); (CANDIDO, 2013) e (FILHO). Em se tratando dos aspectos metodológicos, aplicamos um questionário para que os alunos, após a leitura do livro, respondessem e apresentassem as respostas em grupo. Percebeu-se que os alunos se envolveram com o trabalho e apresentaram resultados que corresponderam as nossas expectativas.

PALAVRAS-CHAVE: narrador; personagem; espaço.

## **ABSTRACT**

This paper is about the analysis of narrative categories, narrator, characters, space of the book **Manhã submersa**, from the Portuguese author Vergílio Ferreira, on the centenary of his birth. The research was developed in the 1st year of high school, from the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz in Sousa. We aimed to identify the narrative categories and we wanted that, at the end of work, the students are able to identify the type of narrator of, work of Vergílio Ferreira, meet the characters from the novel, characterize the space(s) in which the narrative takes place. As theoretical support, we adopted novel scholars such as Bakhtin (1988); Dal Farra (1978); (CANDIDO, 2013) and (FILHO). In terms of methodological aspects, we applied a questionnaire for the students, after reading the book, answer it and submit the answers in group. It was noticed that the students were involved in the work and showed results that matched our expectations.

**KEY-WORDS:** narrator; character, space.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 O gênero romanesco e <i>Manhã submersa</i></b> .....	13
1.1 O narrador .....	14
1.2 Personagens .....	15
1.3 Caracterização do espaço ficcional .....	16
<b>2 Procedimentos metodológicos</b> .....	17
2.1 Local da pesquisa .....	17
2.2 População e amostra .....	18
<b>3 Análise e discussão dos resultados</b> .....	19
<b>Considerações finais</b> .....	22
<b>Referências</b> .....	23

## INTRODUÇÃO

Vergílio Ferreira escreveu muito e nos legou seus “narradores ensimesmados” responsáveis por inquietar o leitor com indagações, reflexões atávicas, situações-limite. Em permanente diálogo com a filosofia, Vergílio desconserta o leitor com histórias paradoxais: o desejo de liberdade e a clausura, as relações amorosas e a impossibilidade de vivê-las, os lampejos de alegria e o mergulho na angústia, a vida e a morte.

Nesta pesquisa, optou-se por analisar o livro **Manhã submersa**, obra de 1954, em que o mundo ainda não havia se refeito dos horrores do holocausto, do poder de destruição do homem pelo próprio homem, ao voar com bombas exterminadoras. Nesse cenário de incertezas e perplexidade, é necessário brotar dos escombros, continuar apesar de toda a dor. Vergílio opta por acomodar seu personagem, Antônio Santos Lopes, num seminário em que a rigidez do monastério contrasta com a liberdade da aldeia Castanheira, apesar da configuração social de pobreza em que lá vivia Antônio Borrvalho. Existem algemas nos dois espaços, a pobreza e a austeridade do seminário.

Narrado em primeira pessoa, considera-se **Manhã submersa** um romance autobiográfico, uma vez que o Vergílio Ferreira também foi seminarista por algum tempo. Mas a experiência do personagem-narrador, que só mais tarde vai rememorar essa experiência, começa numa parte do dia em que o cotidiano recomeça cheio de esperanças, movimentado, marcado por deslocamentos; porém está submerso, tem-se a sensação de que Borrvalho já vai escondido, mergulhado em expectativas, inundado de incertezas.

Um dos livros mais acessíveis do autor português, **Manhã submersa** é um romance de enredo relativamente simples, em que se podem analisar categorias narrativas, a exemplo do espaço, personagens, narrador. O romance será trabalhado em uma série do Ensino Médio, quebrando a tradição da leitura fragmentada apresentada pelos livros didáticos, além da inserção de um autor português no escasso espaço de leitura da escola.

A leitura do livro proposto, **Manhã submersa**, participa da celebração do centenário de nascimento do escritor Vergílio Ferreira, natural de Gouveia, Portugal; rompe com a ausência de recomendação de leitura de autores portugueses. Trata-se de um texto de fácil compreensão, caracterizado pela linearidade e pela fluência da leitura.

De acordo com Martins (2006), a leitura pode ser conceituada como sendo um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas que se dá a conhecer através de várias linguagens. Dessa forma, ler passa a ser não só um processo cognitivo, mas também

uma atividade social e cultural essencial para criação de vínculos entre cultura e conhecimento. Nesse sentido, os alunos terão a oportunidade de estabelecer contato com outra cultura, através de comportamentos, práticas e a vida em seminários:

Acabadas, enfim, as Orações da Manhã. Ordens de campanha para nos pormos de pé. Novas ordens para nos sentarmos. Para o topo da Capela veio então um padre ler-nos a Meditação. Tipo baixo, louro, de voz pequena, mordida entre os dentes, com duas pontas azuis por detrás de vidros grossos. Era este, enfim, como soube depois, o funesto Padre Lino. Alçou os óculos para a testa, disse: Da vocação sacerdotal. Primeiro ponto da Meditação: muitos são os chamados, poucos os escolhidos. E longo tempo, na manhã que abria, Padre Lino foi varrendo da lembrança de todos os últimos restos de férias com a vassoura áspera dos desígnios de Deus (FERREIRA, 1980, p.15).

Além dos motivos apontados, há uma carência de leitura no meio estudantil. Os índices noticiados por órgãos ligados ao Ministério da Educação dão conta de uma melhoria no âmbito desse processo tão mal conduzido em nossas escolas. Porém, quando se pensa em um país gigantesco, uma tiragem de 50.000 exemplares representa um acesso irrisório ao universo da leitura.

Então, facilitar o contato com o livro, promover discussões, debates, ressignificar o texto contribui para a construção de uma formação leitora. O texto que será trabalhado poderia ser outro. O importante é espalhar livros. Mas para que não perdêssemos a oportunidade de participar dos festejos do centenário de Vergílio Ferreira nem a possibilidade de trazer a leitura de um escritor português, optamos por **Manhã submersa**.

Ao refletir sobre as sugestões de leitura propostas pelos vestibulares, pelo ENEM e pelas escolas, constatou-se que ainda é bastante tímida a cobrança de autores estrangeiros de Língua Portuguesa. Existem questões relacionadas à circulação desses livros, principalmente em nossa região, os preços não são acessíveis e não há edições simples que possibilitem a aquisição desses livros.

É provável que esteja nesse contexto a ausência de livros de autores estrangeiros de Língua Portuguesa. Nossos professores leem esses autores? Como formar leitores, quando o professor não cultiva o hábito de ler? Por se tratar do romance, não se pode prescindir dos estudos bakhtinianos acerca do gênero.

A pesquisa a ser apresentada objetivou trabalhar a obra literária **Manhã submersa**, de Vergílio Ferreira, no 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Sousa, Paraíba. Como objetivo geral intentamos a leitura integral do

texto ficcional, visando identificar as categorias da narrativa. Especificamente, pretendemos que, no final do trabalho, os alunos sejam capazes de:

- ✓ Identificar o tipo de narrador da obra **Manhã submersa**, de Vergílio Ferreira;
- ✓ Conhecer os personagens do romance;
- ✓ Caracterizar o(s) espaço(s) em que a narrativa acontece.

Assim, inicialmente, fizemos considerações teóricas sobre a obra de Vergílio Ferreira, em especial, o livro **Manha Submersa**. Na seção seguinte, visando à análise da narrativa, dos personagens e do espaço da obra, falaremos da experiência com os alunos e, por último, faremos uma análise dos resultados obtidos.

## 1 O gênero romanesco e “Manhã submersa”

Para estudar o romance **Manhã submersa**, de Vergílio Ferreira, bem como as categorias narrativas, narrador, espaço, personagens, serão adotados estudiosos que respaldem nosso dizer.

Dentre os gêneros narrativos, o romance, tem sido exaustivamente teorizado, na tentativa de se formular uma metodologia de análise que se ajuste à compreensão da relação entre a realidade e o universo ficcional gerado pela literatura. Para Bakhtin (1988, p. 397-428), por exemplo, em **Epos e romance**, ele considera o romance como uma forma de expressão inacabada, apresentando-se como um ciclo contínuo: assim como o ser humano, o romance também está em constante evolução, daí a dificuldade em estabelecer uma teoria do gênero. Em seus estudos, Bakhtin caracteriza o romance como “gênero que está por se constituir, levando-se em conta o processo de evolução de toda a literatura nos tempos modernos. O romance, ao contrário da epopeia, surge num momento em que o herói vive um conflito, uma dualidade: a busca de valores positivos num mundo degradado. Já na epopéia, o indivíduo estava em comunhão consigo mesmo e com o mundo externo. As ações na epopeia representam o desejo coletivo; portanto havia uma identificação entre o herói e a coletividade. No romance, a busca passa a ser individual e conflituosa.

A palavra romanesca teve uma longa pré-história que se perde nas profundezas dos séculos e dos milênios. Ela se formou e amadureceu nos gêneros do discurso familiar ainda pouco estudados, da linguagem popular falada, e do mesmo modo em alguns gêneros literários e folclóricos inferiores. No seu processo de surgimento e desenvolvimento inicial a palavra romanesca refletiu a antiga luta de tribos, povos, culturas e línguas, ela era uma ressonância completa dessa luta. (BAKHTIN, 1990, p.371).

É na oralidade que nasce o romance, um gênero bastante novo. Quando confrontado com a epopeia, o estudioso russo, trata-a como um gênero “esclerosado”, com “ossatura calcificada”, Por isso, o romance é considerado o “gênero da ruptura”, estando ainda por se fazer.

Em se tratando da narrativa **Manhã submersa**, o romance narra o despertar para a vida de uma criança, aos 12 anos de idade, dividida entre a austera da casa de D. Estefânia, na sua aldeia natal e o silêncio das 100 janelas do seminário. Seminarista aos doze anos, António Lopes, é pressionado a frequentar a escola. No seminário, ambiente triste, cheio de castigos, cobranças, o jovem descobre-se e descobre o mundo que o rodeia: as punições na educação, a pobreza da sua terra, as desigualdades sociais. Apesar da linearidade do enredo,

de personagens cuja infância é vivida, longe das aldeias onde nasceram, num austero seminário, percebe-se o conflito da personagem António Borrvalho, deslocado:

Lentamente, o casarão foi rodando com a curva da estrada, espiandonos do alto da sua quietude lóbrega pelos cem olhos das janelas. Até que, chegados à larga boca do portão, nos trágou a todos imediatamente, cerrando as mandíbulas logo atrás. Enrolado na multidão silenciosa, fui subindo a larga escadaria em cujo topo um padre quieto, de mãos escondidas nas mangas do viatório, ia separando as divisões para as respectivas camaratas. Mudos e quedos, ao pé dos muros, apareceram-me ainda, ao longo do corredor, vários padres de sentinela. *E na pura ameaça do seu olhar de sombra eu sentia, mais escura, a grandeza ilimitada de um pavor abstracto.*(1980, p. 10).

A seleção vocabular já direciona o leitor para um ambiente opressor: “boca do portão”, “nos trágou a todos”, “cerrando as mandíbulas”, “grandeza ilimitada de um pavor”. As primeiras impressões, quase externas ao seminário, já prenunciam um espaço ameaçador. No fragmento acima, percebemos a visão do seminário para o personagem. Lugar indesejável, frio, onde não aparentava ser um ambiente sagrado, mas castrador, de espionagem, um ambiente tenso, sem liberdade e sem alegria.

### 1.1 O narrador

Em se tratando da questão sobre o narrador, Dal Farra (1978) nos “o ponto de vista conferido ao narrador não é aquele que dá forma e compleição ao universo criado: ele é um dos muitos olhos que o inauguram e dão-lhe a vida” O narrador é aquele que conta uma história, trata-se da entidade que conduz a narrativa e, se for habilidoso, consegue a adesão do leitor. Nem sempre essa adesão é tranquila. Ela pode suscitar muitos sentimentos durante a leitura, desde os mais agradáveis aos mais tensos.

Ao se referir às categorias narrativas, vejamos o que postula Brandão (2013, p. 221)

Os elementos narrativos básicos – sujeitos, espaços e tempos – se apresentam como pura projeção de potencialidades que se assumem como tal, o que significa que estão em constante dissipação. O único elemento que preserva alguma continuidade é a voz narrativa, mas mesmo esta é hesitante, interrogativa, mero ensaio de voz.

**Manhã submersa** nos dá pistas de uma narrativa de cunho memorialista. O narrador vai envolvendo o leitor, a fim de que ele acredite que todos os fatos contados remetem a inúmeros acontecimentos do passado: do tempo de sua adolescência, portanto, são lembranças de duas décadas. Tocando em experiências pessoais dolorosas, o narrador de **Manhã Submersa** traz ao centro das lembranças o tempo vivido em um seminário católico do interior de Portugal. “A narrativa toma, assim, feição memorialista girando entre dois pólos: o fora e o dentro, ou seja, o mundo das aparências (o fora, o exterior) e o mundo da própria consciência do narrador, do passado que é evocado em suas meditações sobre a vida”<sup>1</sup>.

... desde os abismos da terra, o vulto grande do Seminário. - Cá estamos - murmuraram em redor. Quietos um momento, no *longo pavor da noite, olhei do fundo da minha solidão* a mole enorme do edifício e arranquei para a minha aldeia distante *um grito de dor tão profundo que só eu o ouvi*. (1980, p.9).

Muitas situações, em **Manhã submersa**, vão fazer esse narrador adolescente ficar acuado, amedrontado com a solidão, com a hostilidade dentro e fora do seminário. Na fase adolescente, o alargamento da compreensão do mundo vai se avolumando; e António Borralho aspira ao entendimento melhor da realidade na qual está mergulhado. Em torno da figura “central” de Borralho, personagem que se destaca das demais que povoam o romance, uma vez que ele é quem orchestra as demais vozes, giram as lembranças, as memórias, os castigos, uma manhã com pouco sol.

## 1.2 Personagens

Antes de tudo, porém, a ficção é único lugar — em termos epistemológicos — em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais a seres autônomos (CANDIDO, p.16). A transparência a que Candido se refere, às vezes, pode surpreender o narrador e o leitor. Uma vez que se trata de gente de papel, engendrada por palavras, pode se revelar outro, mesmo que sejam puramente intencionais.

Mas são as personagens que povoam o universo ficcional e nos arrebatam com suas atitudes no decorrer do texto. Em **Manhã submersa**, a saudade, o rigor do seminário, a solidão despertam nossa afeição por várias dessas “bobinas vivas” que alimentam a narrativa.

<sup>1</sup>NEVES, Terezinha de Jesus Aguiar.

Disponível em <http://www.omarrare.uerj.br/numero12/pdfs/terezinha.pdf> Acesso em: 20 de agosto de 2016.

Mas, quando voltei a encarar o Gaudêncio, um choro manso, longínquo, que não tinha em conta a minha presença ali, descia-lhe, abundante, pela face. Apertei-lhe a mão com força, supliquei:

- Não chores, Gaudêncio.

- Quero-me ir embora - disse-me ele, mas com o desespero submisso de quem sabia que isso já não era possível. Gaudêncio dava-me a oportunidade de eu ser ali o mais forte, só porque ele chorava e eu não. (1980, p.21).

Essas experiências dolorosas, de conforto ao outro vão nutrindo uma relação de confiança entre Borralho e Gaudêncio.

### 1.3 Caracterização do espaço ficcional

Para Reis e Lopes (1988), “o espaço é entendido como o domínio específico da história, integrando em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar e à movimentação dos personagens”. O espaço demonstrado na obra de Vergílio Ferreira é apresentado a partir das experiências vivenciadas no dia a dia do personagem principal.

O espaço ficcional que se desenrola a partir das intenções do narrador, já que se trata de uma produção de cunho autobiográfico, isto é, a narrativa de **Manhã submersa**, desenvolve-se num espaço doutrinário e repressor de imposição de uma vocação que a ele não pertencia, a vocação religiosa. Isto se representa, na obra, a partir de três espaços marcados: sua casa pobre onde morava com a família biológica, a casa rica de Dona Estefânia, sua tutora e o seminário para onde foi levado contra sua vontade, mas apenas levado pelos anseios de quem lhe oferecia algum tipo de recompensa.

Em **Manhã submersa**, o espaço exerce funções de ordem psicológica, social e simbólica. Não se trata da simples exposição de lugares e /ou ambientes, mas da relação que este tem com o personagem.

A obra traz a valorização do espaço. A vila, a casa da tutora e o seminário compõem todo o cenário do romance e são suficientes para traçar a análise do livro, através dos sentimentos que despertam em seu personagem principal, António Borralho.

Dentre os cenários descritos por Borralho, temos destaque para a casa de sua tutora, Dona Estefânia, mulher autoritária que o submete a espaços de vigilância e lhe impõe a



religião como forma de salvação para sua família. Em vários momentos da obra, percebemos os sentimentos do personagem em relação a esse ambiente tão repressor e castrador quanto o seminário para onde foi levado posteriormente.

No casarão de sua tutora, temos a imagem abaixo:

Morava ela num casarão antigo junto do adro da igreja, a um canto da povoação. Um longo e escuro corredor, serpeando aos altos e baixos pela casa toda, levava até ao meu quarto, que ficava junto à cozinha. Era um quarto pequeno, pintado de amarelo, com uma janela de grades, rente ao chão, voltada para o grande quintal arborizado (1980, p.48).

Nesse ambiente asfixiante, por se tratar de um “quarto pequeno”, “janela de grades”, viveu Borralho sob a vigilância de D. Estefânia, seu algoz, num mundo em que o personagem está sempre em desvantagem para buscar sua liberdade.

No que concerne ao trabalho de pesquisa, propusemos a leitura de **Manhã submersa** a uma turma de 1º ano do Ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, aproveitando tanto a experiência do estágio quanto o ano em que se celebra o centenário de nascimento de Vergílio Ferreira.

## **2 Procedimentos metodológicos**

A modalidade escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa qualitativa, em que se objetiva atuar na sala de aula, utilizando o livro **Manhã Submersa** e aplicar um questionário com os alunos sobre o livro trabalhado.

Trata-se de um estudo de campo, com abordagem descritiva. A pesquisa se caracteriza como pesquisa de campo, pois foi realizada através da aplicação de questionários semiestruturados formado por 5 questões acerca do livro trabalhado em sala de aula.

### **2.1 Local da pesquisa**

O estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz que situa-se na cidade de Sousa, estado da Paraíba, no bairro Jardim Sorrilândia III. A instituição possui 1.500 alunos, em torno de 34 professores graduados e alguns Pós-graduados e 30 funcionários. Os docentes estão divididos na Educação Regular (Fundamental I, II e médio), Atividades complementares (apoio escolar: matemática e português, banda fanfarra e

percussão, artes marciais, futebol e futsal). A instituição funciona nos turnos manhã, tarde, e noite. A comunidade escolar é abrangente, pois a escola tem a família como parceira, atuando ativamente nas decisões tomadas pela escola.

A escola Celso Mariz tem como missão considerar os alunos como parceiros na construção do conhecimento possibilitando a reflexão coletiva da realidade histórica e cultural assim com exercícios de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no seu cotidiano atitudes de solidariedade, respeitando o outro e exigindo para se mesma o respeito, posicionando-se de maneira crítica, responsável nas diferentes situações sociais.

O regimento unificado das escolas da rede estadual de ensino do município de Sousa é mantido pela 10ª Gerência Regional de Educação de Sousa-PB, que normaliza através de seus artigos os níveis/modalidade: ensino fundamental e médio, da lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, lei de diretrizes e bases da educação nacional.

A estrutura física da escola dispõe de um pátio com espaço amplo, diretoria, secretária, biblioteca, sala: dos professores; supervisão; vídeo, laboratório de informática e ciências, sala de atendimento especial, almoxarifado, auditório, quadra esportivas, cantina, seis (06) banheiro masculino / feminino, possui em torno de 17 salas de aula, com boa iluminação e ventilação, os materiais da sala se encontram bastante conservadas.

## 2.2 População e amostra

Para realização da pesquisa, foi enviado um ofício à direção da escola explicando que no momento do estágio no Ensino Médio seria trabalhado um livro com os alunos e que isto serviria de resultado do Trabalho de Conclusão de Curso.

Após a liberação, pode-se começar a pesquisa no 1º ano do Ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz. Essa turma possui 20 alunos, sendo 15 mulheres e 5 homens. As aulas aconteceram do dia 23 de maio a 22 de junho de 2016.

No decorrer das aulas de estágio, expliquei aos alunos que iríamos trabalhar o livro **Manhã Submersa**. Para isso, sintetizei a história e o contexto dos fatos que contam a vida de seminaristas, que por serem de família pobre e humilde, queriam estudar num seminário e adquirir conhecimento. Ainda, contei sobre a personagem Dona Estefânia, que por ser rica possuía grande influência e ajudou os jovens a ingressarem, pois tinha um parente que se tornou sacerdote naquela época, e ele desfrutava de privilégios na velhice.

Logo que foi feita a explanação, os alunos foram divididos em grupos de cinco pessoas e os livros foram distribuídos aos grupos. Foi pedido que eles lessem o livro para que

fizéssemos a discussão sobre a leitura. Foi sugerido um prazo de três semanas para eles, com o que todos concordaram. A sugestão foi que o grupo lesse em rodízio, cada elemento do grupo passasse um tempo com o livro e assim que terminasse repassasse para o próximo, de forma que cada um poderia ficar no máximo 4 dias com o livro. Após as leituras, eles deveriam se reunir, discutir o livro, escolher uma pessoa do grupo para que fizesse uma apresentação para a turma em uma data marcada e responder juntos às questões passadas em sala de aula, após a leitura, pelo pesquisador

As questões que foram dada a eles foram:

- 01- Qual o enredo da narrativa?
- 02- Qual o tipo de narrador de Manhã Submersa?
- 03- Relacione as personagens da narrativa.
- 04- Cite as personagens que conviviam com o narrador. Fale sobre cada um deles.
- 05- Em quantos espaços se passa a narrativa?

No prazo estabelecido, os questionários foram entregues e dado o prazo de duas aulas para que eles concluíssem essa etapa. Na aula seguinte, iniciou-se a apresentação dos trabalhos que começou pelo grupo 1 e logo mais os subsequentes. As respostas foram recolhidas e foram feitas gravações e registros de cada apresentação, que será discutido neste trabalho.

### 3 Análise e discussão dos resultados

Após a apresentação, foi recolhido o trabalho com as respostas dos alunos os quais entregaram individualmente.

A primeira questão objetivava analisar se os alunos reconheceram no texto o enredo da narrativa. Obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 1 – Respostas dos alunos à questão 01

Aluno	Resposta
A	A história relata a trajetória de Antonio Lopes dos Santos, uma criança de família pobre que por ser inteligente é obrigado sobre influencia de Dona Estefânia a estudar no seminário.

B	A história fala da vida do autor Antonio dos Santos Lopes, fala da trajetória de vida dele, fala também de um seminarista e de um romano
C	O enredo mostra a história de Antonio Santos Lopes, que é uma criança de família pobre, mas de muita sabedoria e é destinado, sob influência de Dona Estefânia, a estudar num seminário
D	Conta a história sobre a trajetória de Antonio Santos, fala também de um seminarista, e de um romance.

As respostas foram muito concisas, mas muito próximas. Observa-se que a prática da escrita continua resumida, levando-nos a constatar que os alunos são pouco cobrados nesse aspecto.

Sabe-se que o livro *Manhã Submersa* relata o destino de António dos Santos, apelidado Borrvalho, que foi obrigado a entrar no Seminário de Viseu para fugir da miséria e para obedecer a D. Estefânia que era beata, rica e escolhera o garoto como distração para sua vida árida. Neste romance, percebe-se a entrada do jovem garoto no seminário e sua permanência ali por quase quatro anos. Relata ainda as férias desse jovem, que passam a ser um pesadelo para ele.

De acordo com Santos (2009, p 64):

A história de **Manhã submersa** se constrói segundo a relação entre dois mundos que tentam se sobrepor: de um lado a sociedade e a instituição e, de outro, o mundo individual do personagem e sua própria interioridade. Ambos são fontes de mazela: na casa maternal o protagonista não acha mais seu lugar, pois ele fica dividido entre sua família e a casa de Dona Estefânia; o seminário o subjuga, supervisiona sua personalidade e condiciona seu comportamento.

A partir desta análise, pode-se perceber que os alunos se limitaram à visão de um personagem pobre, o seminário e romance e que não conseguiram identificar a opressão que o jovem sente do sistema, as desigualdades. Não foi relatado pelos alunos o entendimento sobre a visão do escritor acerca das necessidades materiais. Durante a leitura do livro, percebemos que o autor enfatiza sua preocupação sobre as necessidades humanas imediatas configuradas na fome, na doença e no infortúnio, se sucede um escritor angustiado pela própria simbologia da sua presença na terra

A seguir, foi perguntado sobre o tipo de narrador do livro trabalhado. A esta pergunta, podemos destacar tais respostas:

Aluno A: “Narrador personagem, porque ele narra a historia que aconteceu com ele”

Aluno B – “é um narrador eu lírico, porque ele narra a própria vida”

Aluno C – “em primeira pessoa, pois ele narra e ao mesmo tempo vive os fatos relatados”

A partir dessas respostas, podemos perceber que os alunos A e C souberam identificar que o narrador da história é o personagem. A história se passa, de acordo com Dal Farra (2012) “,quando ainda personagem, capturado por esse sujeito como objeto principal da sua ação, adolescente que será por aquele acompanhado na faixa temporal que compreende desde os 13 até mais ou menos os seus 16 anos”, que é o período que ele se encontra no seminário.

Na resposta do aluno B mostra uma confusão no reconhecimento do tipo de narrador, quando o mesmo afirma que o narrador é eu lírico. Ele confunde a classificação dos tipos de narradores, o que mostra a necessidade de ser melhor conceituado e trabalhado em sala de aula, uma vez que eu lírico é a voz que fala no poema.

A seguir foi pedido para que os alunos elencassem os personagens da narrativa. Os personagens destacados no texto pelos alunos foram: Antonio Lopes, Miguel, D. Estefânia, Dr. Alberto, Sr. Capitão, o padre Tomas, Galdêncio e Gama. Percebe-se que os alunos conseguiram prestar atenção nos personagens, souberam identificar os principais personagens da história. Quando pedido para que citassem sobre os personagens que conviviam com o narrador e falar sobre eles, obteve-se como respostas:

Aluno A – “Tavares Rui, Miguel da Costa Fernandes, Gama e Galdêncio”

Aluno B - “Tavares Rui, Miguel da Costa Fernandes, Gama, Galdêncio e o padre”

Aluno C – “Gana – colega de Antonio; D. Estefânia Influenciadora de Antonio; Galdêncio– Colega de Antonio”

Aluno D – “Estefânia era uma mulher muito corajosa, pois enfrentou a morte; Galdêncio – era um humilde e fraternal”.

Os demais alunos apenas destacaram os mesmos personagens e não fizeram o comentário que foi solicitado. Alguns personagens não foram destacados pelos alunos, mas que são importantes de analisar e identificar seu papel na narrativa, como o padre Alves que foi citado como uma pessoa cheia de virtudes. Ferreira afirma na página 39 “bom varão que me tratava como filho”, dizia que este padre mostrava-se verdadeiro e humano e seu rosto se iluminava com um olhar silencioso e compassivo. Diferentemente do Padre Lino, do Padre Tomás e do Padre Fialho que eram reconhecidos pela sua antipatia, aparência “carrancuda”. Também não fizeram alusão ao Reitor, talvez pelo fato de Vergílio não citar o nome do personagem, ou mesmo não tenha recebido tanto destaque por parte dos alunos.

Em relação à última questão proposta, sabe-se que todas as categorias discutidas possuem uma complexidade que requer maturidade, muita leitura. Para Filho, Lopes e Lopes (2015), “o espaço literário é o lugar em que a linguagem não é ouvida, é eco, o lado de fora, o vazio e a ausência de tempo”. Então, quando questionados aos alunos em quantos espaços se passa a narrativa, embora mantendo as respostas resumidas, eles se limitam a citar os ambientes. De fato, tudo se passa na aldeia onde António nasceu, no seminário onde estudou e as idas e vindas das férias, Pinheiro descreve:

Os espaços são detestados. A casa de D. Estefânia aparece como um claustro. O seminário é asfixiante, como acontece em outros romances onde se fala de formação sacerdotal. As viagens têm também algo de simbólico e mítico e são ao mesmo tempo ocasião de encontros e libertação, fator de auto-conhecimento, numa permanente luta entre o eu e o mundo.

Para esta pergunta, pode-se destacar que 50% dos alunos responderam: “em três espaços: a casa pobre da família de António, o seminário e a casa rica de Dona Estefânia” e outros 50% responderam “Igreja, cidade e seminário”.

## **Considerações finais**

A leitura proposta aos alunos do 1º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz situada, na cidade de Sousa, avaliamos como uma atividade produtiva. Além das respostas às questões propostas, um livro foi lido.

E a leitura precisa ser o eixo central das atividades relacionadas à língua. Enquanto liam, destacaram diferenças na escrita das palavras e tivemos a oportunidade de fazê-los saber que, apesar do Novo Acordo Ortográfico já está em vigor, só o Brasil fez as mudanças necessárias. Houve consulta ao dicionário para buscar significados de determinadas palavras. Essa prática é muito rara na escola.

Os alunos puderam rever as categorias literárias, a exemplo do narrador, dos personagens e do espaço. Esses conteúdos são trabalhados na escola, mas é necessário que sejam mais recorrentes.

Consideramos bastante positiva a leitura do livro, a exploração através dos elementos da narrativa, marcamos o centenário do nascimento de Vergílio ferreira e deixamo-los preparados para se defrontarem com outro livro, desta vez, da Literatura Brasileira, também ambientado em espaço coletivo, que é **O Ateneu**.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.

BRANDÃO, Luis Alberto – **Teorias do espaço literário** São Paulo: Perspectiva, 2013

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador ensimesmado**. São Paulo: Ática, 1978.

\_\_\_\_\_. **Manhã submersa**: “um narrador nas jazidas do tempo”. Disponível em: <file:///D:/Downloads/12213-52532-1-SM.pdf> Acesso em: 20 de agosto de 2016.

FERREIRA, Vergílio. **Manhã submersa**. Lisboa: Bertrand, 1980.

FILHO, Ozíris; LOPES, Ana Maria; LOPES, Fernando Alexandre (Orgs). **Espaço e Literatura: perspectivas**. Franca: São Paulo, Ribeirão gráfica e editora, 2015.

NEVES, Jesus Aguiar Terezinha de. **Manhã submersa: a força da afetividade da escrita em “gesto de posse da vida” na narrativa literária de Vergílio Ferreira** Disponível em <http://www.omarrare.uerj.br/numero12/pdfs/terezinha.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

PINHEIRO, Júlio. **O real e a ficção na Manhã submersa, de Vergílio Ferreira**. Disponível em: [http://www.snpcultura.org/impressao\\_digital\\_manha\\_submersa.html](http://www.snpcultura.org/impressao_digital_manha_submersa.html) Acesso em: 20 de agosto de 2016.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria literária**. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Graça dos. O seminário, escola dos pobres, em Manhã submersa, de Vergílio Ferreira. In: **Revista eca comunicação & educação**, Ano XIV, Número 3, set/dez 2009, p. 63-72. Disponível em: <file:///D:/Downloads/43632-52088-1-SM.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.